

Acesso-global-linhas-locais: globalização, regionalismos e identidades do/no interior do Brasil

Prof. Dr. Mário Cezar Silva Leite (UFMT)

Resumo:

Os processos de globalização impetrados nas últimas décadas envolvem "tanto a homogeneização como a diversificação, da mesma maneira que a integração e a fragmentação" (IANNI, Octavio. Capitalismo, Violência e Terrorismo. 2004, p. 62). Numa espécie de contra-mão interna da uniformização global (homogeneização-integração), reacendem-se as manifestações, nem sempre pacíficas, dos nacionalismos, regionalismos, identidades, xenofobias e fundamentalismos (diversificação-fragmentação). Além das esferas econômica, social e política, estas perspectivas de posição no mundo, inserem-se forte e decisivamente no plano da cultura e das artes. Não há muita novidade em refletir sobre os nacionalismos, regionalismos e identidades. No entanto, o que este trabalho propõe é a observação de um grupo sócio-cultural específico - o intelectual-do-interior do Brasil - e como, em suas reflexões e críticas culturais e literárias dialogam com os fluxos globalizadores e uniformizantes. Fecham-se na defesa da "identidade local"? Problematicam a avalanche global à luz de novas perspectivas de diálogo e conexões? Abrem-se aos acessos globais e ignoram a produção e reflexão local? Refletem globalmente com "olhares locais"? Decidem o que, do local, se pode globalizar? Tratam o nacionalismo como um passo para a globalidade?

Palavras-chave: Globalização, Arte, Cultura, Fronteiras.

- PRIMEIROS COM TEXTOS:

As literaturas são realidades complexas: autores que escrevem obras e editores que as difundem, leitores e críticos que as lêem ou as condenam ao esquecimento. Todos estes elementos participam do fenômeno literário como entidades não isoladas, mas em permanente relação e intercâmbio. O autor escreve a obra e o leitor, ao lê-la, a recria, refaz ou rejeita; por sua vez, a obra modifica o gosto, a moral ou as idéias do leitor; por último, as opiniões e as reações do leitor influem no autor. Assim [continua Paz], a literatura é uma rede de relações, ou, exatamente, um circuito de comunicação, um sistema de intercâmbio de mensagens e influências recíprocas entre autores, obras e leitores. Acrescente-se que é um sistema em contínuo movimento. A publicação de uma obra muda a ordem e a posição de outras obras; o mesmo cabe dizer do aparecimento de cada geração de leitores e críticos. (PAZ, 1991, 174/175)¹

Nos dias atuais, uma questão de grande importância para o intelectual é saber como lidar com esse problema. Será que a nacionalidade deve comprometê-lo enquanto indivíduo – /.../ - em face do sentimento popular, por razões de solidariedade, lealdade primordial ou patriotismo? Ou podemos fazer uma melhor defesa do intelectual como um dissidente do conjunto corporativo?

/.../ Quanto ao consenso de uma identidade de grupo ou nacional, o dever do intelectual é mostrar que o grupo não é uma entidade natural ou divina, e sim um objeto construído, fabricado, às vezes até mesmo inventado, com uma história de lutas e conquistas em seu passado e que algumas vezes é importante representar. (SAID, 2005, pp.43/44)

- PRIMEIROS (des) COM TEXTOS

Fiquei muito em dúvida quanto à maneira de apresentação dessa pesquisa nesse Simpósio. De certa maneira, gravito já há algum tempo entre os temas do Congresso – Centro, Centros: Ética e Estética – e os temas deste Simpósio – Cânone e Anti-cânone: a hegemonia da diferença. O título que dei para essa reflexão – *Acesso-global-linhas-locais: globalização, regionalismos e identidades do/no interior do Brasil* – deve ser entendido como um ambiente englobador e amplo de minhas pesquisas ao longo de mais ou menos oito anos. Esse título engloba desde uma primeira fase, 2003-2005, da revelação da construção do sistema literário em Mato Grosso sustentado essencialmente pelo discurso e pela proposição regionalista (LEITE, 2005) passando pela relação do modernismo local e das vanguardas nacionais e internacionais com o regionalismo (LEITE, 2006), até a observação da produção literária brasileira contemporânea em Mato Grosso já com alguns artigos publicados (LEITE, 2005. Em: SODRÉ, 2005.), (LEITE, 2008. Em: VILLELA, 2008), (LEITE, 2010. Em: PIMENTEL, 2010.).

Nesse campo, as reflexões que tenho feito levam-me, impulsionam-me mesmo eu diria, para também tentativas e riscos de novas possibilidades de organização mental e estética para expressar essas reflexões. Também aqui há a tentativa de uma “deshegemonia” na construção de um discurso. Não sei se movência, se nomadismo, se circulação ou se errância, se colagem, ou bricolagens, hibridismos ou miscigenação, mas buscas de alternativas para poder dizer do Outro com o respeito de sua íntegra alteridade. Muito disso tem sido falado nesses dois dias de apresentação de trabalhos e debates e principalmente ontem à tarde. A questão, entre outras, encontra-se nas buscas e tentativas de recriação, ou de outras possibilidades de criação de nosso próprio discurso crítico. Como encontrar talvez não novas, mas outras e diferentes formas de nosso próprio discurso. Eu gostaria nesse sentido de não ter que dar explicações, mas as não explicações implicam em um possível não entendimento que precisamos garantir.

Começo essa fala agradecendo de coração a oportunidade, honra e o privilégio de mais uma vez trabalhar com o professor Paulo Nolasco da UFGD e com a professora Betina Cunha da UFU. Meu prazer, honra e privilégio se ampliaram muito ao longo desses dois dias e meio de trabalhos e discussões. Não posso também me privar de agradecer a todos e todas que compõem esse Simpósio e que têm brindado-nos com trabalhos e reflexões do mais alto nível acadêmico. Isso é sim, sem dúvida, um raro privilégio. Muito obrigado a todos e todas.

Isto posto, quero pedir licença para dedicar essa fala, essa reflexão, ao professor Paulo Nolasco. O prefácio, intitulado *De Istambul a Dourados: entre Fronteiras e Dardanelos*, que fiz para o livro, *Literatura, Arte e Cultura na Fronteira Sul-Mato-*

Grossense (NOLASCO.Org. 2010) organizado por ele, permitiu-me um primeiro movimento sistemático da pesquisa que iniciava: pensar a prática, as atividades, o papel e o perfil do intelectual do/no interior do Brasil. Principal e essencialmente, nas várias fronteiras, quer geográficas, quer culturais, quer econômicas, quer artísticas, quer epistêmicas.

- PRIMEIROS COM TEXTOS 2:

Global ou local? Modernidade ou pós-modernidade? Vida ou morte do estado-nação? Tradição ou ruptura? Vanguarda ou regionalismo? Letrados ou subalternos? Literatura ou televisão? Valor estético ou anátema do valor? /.../

Talvez a formulação que alguns acadêmicos, em distintas partes do mundo e em distinta línguas, realizam em termos de ‘isto ou aquilo’ seja mais do que incorreta, inoportuna e populista. Populista, inclusive quando a dicotomia é apresentada em termos de alta cultura; populista, inclusive quando é proposta em termos revolucionários antiintelectuais; populista, inclusive quando é oferecida em benefício dos despossuídos ou marginalizados.

De certa forma, e se me permitem a grosseria, muitas das propostas teóricas ou críticas dos últimos tempos – e me apresso a esclarecer que é mais do que possível que eu mesmo não tenha escapado a elas – são, ou têm sido propostas similares às opções dilemáticas realizadas pelo marketing publicitário entre dois refrigerantes, dois sabonetes ou duas cervejas. Nesse sentido, insisto, é possível que tenhamos caído nos riscos ou nas armadilhas das dicotomias discursivas do populismo e tenhamos traçado opções que, em vez de ajudar a nos conhecermos melhor, nos tenham levado a nos entender menos e, o que é mais importante, a compreender menos o que estamos vivendo, o que estamos produzindo. (ACHUGAR, 2006, p. 11.)

Mantive por toda a vida essa vaga sensação de muitas identidades – em geral em conflito umas com as outras –, junto com uma aguada lembrança do sentimento de desespero com que eu desejava que fôssemos completamente árabes, ou completamente europeus e americanos, ou completamente cristãos ortodoxos, ou completamente mulçumanos, ou completamente egípcios, e assim por diante. Descobri que eu tinha duas alternativas com as quais reagir ao que, na verdade, era o processo de desafio, reconhecimento e revelação, resumido em perguntas e comentários do tipo: ‘você é o quê?’ ‘Mas Said é um nome árabe.’; ‘você é americano?’ ‘Você é americano sem ter um sobrenome americano, e que nunca esteve na América?’ ‘Você não parece americano!’; ‘Você não parece americano!’; ‘Como você pode ter nascido em Jerusalém e viver aqui?’; ‘Você é um árabe no fim das contas, mas de que tipo?’.

Que eu me lembre, nenhuma das respostas que dei em alto e bom som a tais interrogatórios foi satisfatória ou mesmo memorável.

(SAID, 2004, pp. 22/23)

Uma de suas maiores queixas é a de que, de Ésquilo em diante, o Ocidente nunca permitiu ao Oriente representar-se a si mesmo. /.../ Mas o que é extraordinário é que com exceção da própria voz de Said, as únicas vozes que encontramos no livro são exatamente as da própria canonicidade ocidental que, Said reclama, sempre silenciou o oriente. Quem está silenciando quem, quem está se recusando a permitir um encontro historicizado entre a voz do assim chamado ‘orientalista’ e as muitas vozes que o ‘orientalismo’ presumivelmente suprime tão completamente é uma questão muito difícil de determinar à medida que lemos o livro. Às vezes parece que se é transfixado pelo poder da mesma voz que se desmascara. (AHMAD, 2002. p. 122)

Não é o Eu colonialista nem o outro colonizado, mas a perturbadora distancia entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial – o artifício do homem branco no corpo do homem negro. É em relação a esse objeto impossível que emerge o problema liminar da identidade colonial e suas vicissitudes. /.../ a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação /.../ é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura do lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 2003, p.76)

O pintor Paul Gauguin amou a luz na baía de Guanabara, O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela, A baía de Guanabara, O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a baía de Guanabara, Pareceu-lhe uma boca banguela. E eu menos a conhecera mais a amara, Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la, estrela o que é uma coisa bela. /.../ Mas é ao mesmo tempo bela e banguela a Guanabara. (VELOSO, 1989)

Frutuoso Celidônio vira o dial do rádio portátil, já não se entende nada do que dizem esses locutores franceses. BBC, de Londres, falam em inglês, uma música de natal. Sabe que é natal, porque a música é conhecida. /.../ O locutor fala vagamente agora de um moteto de Heinrich Schütz. E, ato seguido, um coro muito disciplinado, como devem ser os coros ingleses, dá início a um cântico acompanhada por um órgão. Por que por aqui não há um coro assim? Deve ser talvez pela mesma razão daquela velha história dos gramados britânicos, a quem um visitante à Inglaterra, vendo um verde e bem cuidado, como faziam para conservá-lo tão bonito, o inglês respondeu que só vinte séculos de cultura poderiam dar um verde assim. (DICKE, 2011, p. 6)

Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior. Mas trago de cabeça uma canção do rádio em que um antigo compositor baiano me dizia tudo é divino, tudo é maravilhoso. Mas sei, sei que nada é divino nada, nada, nada é maravilhoso. (BELCHIOR)

- PRIMEIROS (des) COM TEXTOS 2

A observação da produção poética ainda que me mobilizasse profundamente pareceu-me não me satisfazer mais. É aí então que começo a perceber que um outro sistema simbioticamente relacionado ao literário estava se formando em Mato Grosso. A crítica especializada. E entenda-se especializada como produzida dentro das academias. Incipientemente iniciado no início dos anos de 1990 ganha vigor e contundência a partir dos primeiros anos da década de 2000. Bastante nova, mas muito significativa e expressiva.

“A própria garça é uma explicação arisca”: o intelectual-latino-americano-brasileiro-do-interior-já-com-algum-dinheiro-no-banco.

Para princípio de conversa, vale dizer que, numa certa medida, estudar atualmente o chamado “regionalismo”, e seus desdobramentos, num tempo-mundo globalizado, pode parecer anacronismo e no mais das vezes, à primeira vista, confunde os mais apressados. Entretanto é preciso considerar que os processos ininterruptos de globalização obrigatoriamente estimulam os nacionalismos e regionalismos. Os fluxos globalizantes impetrados nas últimas décadas envolvem “tanto a homogeneização como a diversificação, da mesma maneira que a integração e a fragmentação.” (IANNI, 2004, p. 62). Numa espécie de contra-mão interna da uniformização global (homogeneização-

integração), reacendem-se as manifestações, nem sempre pacíficas, dos nacionalismos, regionalismos, identidades, xenofobias e fundamentalismos (diversificação-fragmentação). Além das esferas econômica, social e política, estas perspectivas de posição no mundo, inserem-se forte e decisivamente no plano da cultura e das artes.

A discussão sobre regionalismos e identidades coloca-se diante de alguns tópicos fundamentais, desde sempre, para a literatura, arte e cultura: Cânone(s), centro(s)-periferia(s), sistema-sistemas, relações de legitimação e, fundamental, de poder. No limite, é uma grande e múltipla rede que se tece exatamente na medida e na fissura-nós em que a arte e as reflexões dos intelectuais e artistas fronteiriços ou do “interior” se problematizam diante da hegemonia nacional ou até internacional e trazem à tona não apenas a sua existência, mas a sua produção-reivindicatória de reconhecimento diante do “outro”.

Depois de muitos anos pesquisando sobre as narrativas orais, os mitos e sua relação com o ambiente e a paisagem do Pantanal e, depois, sobre regionalismos e identidades na literatura brasileira produzida em Mato Grosso chego ao momento de pensar um pouco sobre o papel que determinados “produtores” de arte e de sua reflexão assumem e exercem nos ambientes sócio-culturais chamados “interior”, “fronteira” e/ou “periferia”.

O chamado artista local necessariamente não precisa ter, ao produzir, qualquer preocupação com as discussões “regional-nacional-etc”. Entretanto, ao produzir criando elementos (textuais, visuais, etc) que se fixam ou fixarão como elaborada representação de um imaginário e memória coletivos de pertencimento e localização comunitários – criar símbolos que reelaborarão, reforçarão e ampliarão uma tradição local – estabelece a “diferença” a “distinção” a particularização do local e, se for uma boa obra de arte, de sua obra. Alimentando-se de um repertório artístico e cultural, de algum modo já pré-estabelecido e elaborado com algum tipo de circulação na comunidade, o artista que se localiza nessa, e assume essa, esfera de produção participa da elaboração e da re-elaboração do conteúdo regional-local daquele que em tese é o seu grupo.

- CONTEXTOS:

Frutuoso Celidônio vira o dial do rádio portátil, já não se entende nada do que dizem esses locutores franceses. BBC, de Londres, falam em inglês, uma música de natal. Sabe que é natal, porque a música é conhecida. /.../ O locutor fala vagamente agora de um moteto de Heinrich Schütz. E, ato seguido, um coro muito disciplinado, como devem ser os coros ingleses, dá início a um cântico acompanhada por um órgão. Por que por aqui não há um coro assim? Deve ser talvez pela mesma razão daquela velha história dos gramados britânicos, a quem um visitante à Inglaterra, vendo um verde e bem cuidado, como faziam para conservá-lo tão bonito, o inglês respondeu que só vinte séculos de cultura poderiam dar um verde assim.

(DICKE, 2011, p. 6)

Não tem importância, então, se as respostas que demos as nossas perguntas forem logo corrigidas pelo tempo; o adolescente também ignora as futuras transformações /.../. A preocupação com o sentido das singularidades /.../ parecia-me há tempos supérflua e perigosa. Em vez de perguntarmo-nos a nós mesmos, não seria melhor criar, trabalhar sobre uma realidade que não se entrega àquele que a contempla, mas sim àquele que é capaz de nela mergulhar? O que pode nos diferenciar do resto dos povos não é a sempre

duvidosa originalidade do nosso caráter – fruto talvez das circunstâncias sempre mutantes – mas sim a de nossas criações.

(PAZ, 2006: 14)²

Todos somos ignotamente estrangeiros: queremos ver outras terras, muito longe, e esse desejo nos faz estrangeiros, essa nostalgia não acaba nunca. Estrangeiros em nossa própria terra. Sonhamos sempre, um dia, estar distantes muito distantes, além de toda distância. Ao passo que outros, estrangeiros de verdade, são patrícios nossos, de coração.

(DICKE, 2002)

- (DES) COM TEXTOS

As noções de identidades, identidade cultural e/ou cultura local estão intimamente ligadas – metonímias transversas – à de regionalismo. Para não perderem-se as conexões, vale lembrar que se costuma dizer que se pensa em identidades quando se instaura algum tipo de crise que coloca o eu individual ou a coletividade em questão ou xeque. O que envolve, também, em cem por cento, a presença do outro. Um determinado eu diante de um determinado outro. A presença do outro, do não eu, nos incomoda e desequilibra. Também, apenas para pontuar, a discussão das identidades engloba outras questões em determinados contextos, mas sempre está acompanhada das relações – em todas as instâncias – entre nacionalismo, regionalismo, globalização, política, poder e suas ramificações.

De modo geral, por mais que estejam atrelados a uma ou outra postura ideologia e em debate entre si, o sentido mais genérico e aceite (não sem variações é claro) é o que traz à tona alguns pontos fundamentais da questão de como a identidade é “algo mutável” e que “não existe em si mesma, independente das estratégias de afirmação de atores sociais” (BELL, 1975, Apud. CUCHE, 1999, p. 197) Ela “se constrói, se desconstrói e se re-constrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente” (CUCHE, 1999, p. 198).

Há uma série de teóricos que tratam da questão das identidades culturais, suas armadilhas, suas implicações etc. Stuart Hall, ao tratar da diáspora caribenha afirma que pensada, nesse contexto, a identidade cultural é “uma concepção fechada de ‘tribo’ /.../ e nesse sentido” está “primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta.” (HALL, 2003, p. 29). Claro que Hall conclui que esta concepção é “um mito” (HALL, 2003, p.30).

Para Hall, as concepções contemporâneas aceitam que “as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As

Octavio Paz trata neste texto, presente em O Labirinto da Solidão, sobre a migração mexicana para os Estados Unidos e em especial sobre os “pachucos” que são *bando de jovens, geralmente de origem mexicana, que vivem nas cidades do Sul e que se singularizam tanto por sua vestimenta quanto por sua conduta e sua linguagem. Rebeldes, instintivos, contra eles já se refestelou, mais de uma vez, o racismo norte-americano. /.../ O ‘pachuco’ não quer voltar a sua origem mexicana; também – pelo menos na aparência – não deseja fundir-se à vida norte-americana.* (p.17).

identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.” (HALL, 2000, Em: SILVA, 2000 (Org.), p.108).

De maneira muito resumida e objetiva, o tema e assunto desse projeto inicial, mas já em andamento – “*A própria garça é uma explicação arisca*”: o intelectual-latino-americano-brasileiro-do-interior-já-com-algum-dinheiro-no-banco – é as relações estipuladas entre os intelectuais, estudiosos de cultura e literatura, da região Centro-Oeste, num primeiro momento com seus objetos de análise e, num segundo, com as esferas nacionais e internacionais de suas áreas epistêmicas e campos de gravitação. Desnecessário dizer que subjaz e fundamenta a análise dessas relações o debate sobre regionalismos, nacionalismos, identidades e globalização.

A idéia de fronteira, diante de tudo que derivei acima, também é de suma importância. Mas, creio, que seja preciso pensá-la nas suas múltiplas possibilidades. Ela impõe limites, define limites e, ao mesmo tempo, presentifica o “outro lado”. Ao tempo em que revela um fechamento, desvela uma abertura. O um diante do outro. A questão é que questões (redundando) um coloca para o outro e de que forma as coloca.

Na primeira parte do título – “*A própria garça é uma explicação arisca*” – faço uma citação de um trecho do texto *O Cruzar e Bifurcações*, de Wladimir Dias-Pino onde a questão de um difícil entendimento da produção literária em Mato Grosso se problematiza, nas ingerências regionais, a “explicação é arisca!”. Na segunda parte – *o intelectual-latino-americano-brasileiro-do-interior-já-com-algum-dinheiro-no-banco*, uma alusão à música popular brasileira de meados dos anos de 1970 e a uma música do cantor e compositor Belchior: “Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco e vindo do interior.”.

Aparentemente, o grupo – não hegemônico ou uniforme – que chamo, na falta de um termo melhor por ora, de intelectuais do interior ou de fronteiras e que se caracterizam, aqui, como aqueles que de algum modo se inserem na pesquisa (estrito ou lato senso), na reflexão e problematização da regionalidade e seus desdobramentos, o *intelectual-latino-americano-brasileiro-do-interior-já-com-algum-dinheiro-no-banco*³, concentra-se, em sua maioria, nas instituições de ensino superior. Afastados, talvez, do comportamento e compromisso dos perfis de intelectuais de Gramsci (GRAMSCI, 1989) parecem comportarem-se mais como “empenhados” segundo a concepção de Antonio Candido (CANDIDO, 1997, p. 26).

Note-se que faço um recorte bastante específico para o termo-conceito “intelectuais de fronteiras”. Refiro-me apenas aos que se dedicam as questões locais-regionais (de maneira abrangente) nas Letras, Estudos de Cultura e possíveis áreas afins. Há uma série de pesquisadores de outras áreas, Geografia, História, Geologia, Medicina (refiro-me ao contexto universitário do Centro-Oeste brasileiro), que se dedicam, em suas competências científicas e acadêmicas, aos estudos do universo regional e que, por motivos óbvios, deixo fora desta pesquisa.

Para Candido, o princípio básico da literatura empenhada é, como o foi para os “neoclássicos”, o “desejo de construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus; mesmo quando procuravam exprimir uma realidade puramente individual, segundo os moldes universalistas do momento, estão visando este aspecto” (*ibidem*, p. 26). É importante ressaltar que, não obstante tratarem-se de coisas diferentes, o que se aplica ao empenho da construção inicial de um sistema literário nacional pode se aplicar, nas devidas proporções, aos sistemas regionais ou regionalistas. A atividade literária passa a ser “considerada como parte do esforço de construção do país livre em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido”, que visa “a diferenciação e particularização dos temas e modos de exprimi-los” (*ibidem*, p. 26). Sintetiza-se assim a essência do funcionamento interno dos discursos e empenhos regionalistas. Nota-se apenas que o elemento externo, o outro, do qual se tenta destacar, e distinguir, é nada mais do que um outro também interior ao todo nacional, um outro regional.

Ao ser da região, do local, e lidar com a produção artística regional, o mais importante, creio, é a consciência de que se está profundamente envolvido em, e com, um universo de disputa de poder, de construção e legitimação de cânones (autores e obras etc.), construções e elaborações de noções de identidades e culturas. Em toda e qualquer medida, não apenas seleciona-se o que deve ou não ser estudado, o que é “legítimo” ou não, o que deve ser lembrado ou esquecido, mas determina-se de que forma essa produção será inserida na reconstrução e re-elaboração de cânones, tradições e sistemas. Investe-se e empenha-se na construção de região, regionalidade e identidade.

Não obstante, via de regra, ter-se caracterizado a oposição, a fronteira, entre regional e nacional o que parece realmente se colocar como fronteira é o chamado universal. Sabe-se, com certo conforto teórico e crítico, o que é o regional/regionalismo e o que é nacional/nacionalismo, mas o que realmente quer dizer universal? O que efetivamente uma obra de arte precisa para ser universal? Dizer respeito a todos os humanos? O que isto quer dizer exatamente? Se se pode pensar e aceitar que os aspectos culturais são elementos fundamentais nas muitas e importantes concepções que moldam, e diferenciam o imaginário, a vida cotidiana social e cultural dos grupos humanos pode ser que o conceito de universal conceba coisas muito diferentes para cada grupo. Este projeto, no limite, propõe-se a entender como os intelectuais e produtores de cultura e literatura do interior colocam-se diante dessas questões.

A exemplo de um modelo nacional, a crítica literária produzida em Mato Grosso com “especialização acadêmica”, e em especial a que se detém sobre objetos e corpus literários produzidos no estado, se configura, seguramente, a partir da metade dos anos de 90 do século XX. Vinculada às instituições de ensino superior, e em decorrência delas, em parte vai deter-se no estudo dos autores, obras, revistas da primeira metade do século XX e em parte vai pesquisar novos autores e obras. Desse modo, há um deslocamento e uma modificação no perfil da crítica literária que até esse período era basicamente produzida por “homens de letras”. Embora ligados ao universo literário de algum modo – via de regra escritores e poetas eram os críticos e resenhistas de escritores e poetas – não falavam exatamente do interior de uma especialização literária nem para um público especializado. Isso não quer dizer, é claro, que não falassem com propriedade sobre obras, períodos,

autores. A exemplo disso, lembro aqui os excelentes textos de João Antonio Neto, Gervásio Leite e Wladimir Dias-Pino sobre a obra de Silva Freire⁴.

O deslocamento essencial que observo é que de um teor e preocupação memorialista e de informação e preservação do material produzido, muitas vezes num forte viés bairrista, passamos para um teor e preocupação analítica e de formação. Isso tem uma estreita relação também com um insurgente sistema de pós-graduação na região em fins dos anos 90. Há dois fortes veios entrelaçados na pós-graduação na área, e até áreas convexas, que se retroalimentam. Um, pesquisadores locais, via de regra já ligados a uma Instituição de Ensino Superior, que se deslocam para o eixo Rio-São Paulo (de maneira mais geral) e desenvolvem suas dissertações e teses a partir de objetos e temas regionais – o que não quer dizer, evidentemente ou necessariamente, regionalista. Dois, a criação do Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL/IL/UFMT)⁵, em 2003, possibilitou a formação local de pesquisadores com uma grande percentagem de pesquisas com objetos e temas locais e que, de algum modo, além de continuarem produzindo, após a titulação, inserem-se no mercado universitário quer público ou privado.⁶

Uma questão que me vem, e que se relaciona com a manutenção do sistema literário atual, quando me defronto com essas duas perspectivas é sobre o que talvez elas tenham

4

Esses textos foram originalmente publicados nos Cadernos de Cultura que eram os poemas de Silva Freire publicados em um formato de um grande folder, com grande tiragem, e que eram distribuídos nas barbearias, bares e estádio de futebol. Alguns estão reunidos no livro Silva Freire: social, criativo, didático (1986) e o texto de Wladimir Dias-Pino encontra-se na primeira edição do Águas de Visitação (1979).

5

O Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL), dividido em duas áreas, teve como Comissão Fundadora (e produtora do projeto), na Lingüística, as professoras Doutoras Ana Antonia de Assis Peterson, Maria Inês Pagliarini Cox, e o professor Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida; na Área de Estudos Literários e Culturais a profa. Dra. Ludmila de Lima Brandão e eu. Além dessa equipe, obtivemos o apoio incondicional do professor Elias Alves Andrade, à época, Diretor do Instituto de Linguagens. Também devo lembrar aqui alguns mestrados inter-institucionais, em Letras e Lingüística, promovidos pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) com outras instituições que, embora pontuais e circunscritos, cumpriram a mesma função.

6

Destaco o importante papel desempenhado pelo MeEL – quer na Área de Lingüística quer na de Estudos Literários e Culturais (de 2003 a 2007) que, agora (a partir de 2008) com a criação do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO/IL/UFMT), passou a ser apenas Estudos Literários – na pulsão e solidificação das pesquisas literárias voltadas para Mato Grosso. Numa breve amostragem, nesses anos orientei uma média de sete dissertações, concluídas até março de 2009 e oriento mais quatro em andamento, que tratavam de aspectos literários e/ou cultural de Mato Grosso. Em conjunto com os demais professores e professoras do Programa é possível computar, só na área de Estudos Literários e Culturais, uma média de quase 20 trabalhos em cinco anos.

silenciado. Claro que não há aqui nenhuma crítica ou censura aos autores ou críticos que por mais que quisessem e se empenhassem muito provavelmente não dariam conta de registrar toda a produção literária de todos os tempos (da existência do estado). Há a necessidade de critérios mínimos, mas claros e bem definidos, para uma seleção. E por isto mesmo, muita coisa deixou-se fora do passado, muita coisa perde-se e deixa-se fora do presente. De todo modo, essas pesquisas e trabalhos específicos sobre autores e obras, ou até mesmo as Histórias da Literatura são poderosos elementos na constituição de cânones e de sistemas literários. Interessante perceber assim os processos e meandros de construção de um cânone literário. Muitos que receberam outrora maior destaque, hoje são apenas nomes numa lista que a crítica especializada ignora, esquece ou relega ao esquecimento. Outros, apenas nomes em listas, conquistaram um público, tornaram-se objetos de teses e dissertações e transformaram-se nos ícones da literatura local e ou nacional.

Grosso modo, se pode afirmar que o Centro-Oeste conta hoje com um potente grupo de intelectuais “empenhados” ligados às instituições de ensino. Há uma grande e competente, o que é fundamental, produção que tem em várias áreas do conhecimento dado visibilidade à produção literária e artística e, ao mesmo tempo, teorizado e problematizado todo o universo gravitacional em que esta produção se insere.

- COM TEXTOS

Novas configurações nos campos político e cultural , o acirramento de divisões e conflitos criados e alimentados pelos processos mais recentes de globalização explicam, entre outros desafios, a insistência atual na temática da ação dos intelectuais e de sua possibilidade de intervenção no mundo contemporâneo. (CURY, 2008, p. 12.)

Alguma coisa profunda e enigmática do passado argentino está ligado a essa cultura ‘criolla’ que Borges contrasta com as tradições urbanas, letradas e européias. Nenhum dos dois veios pode ser repellido ou abolido por completo; nenhum deve ser enfatizado a ponto de extinguir o outro. Mas sua coexistência resulta invariavelmente não num equilíbrio de estrutura clássica, mas numa dinâmica de conflitos.
(SARLO, 2008, p. 84)

Decompondo-se a palavra temos: intus, para dentro e lectus, particípio passado de legere (ler). Ler (para) dentro das coisas, para seu interior. Mas o sentido etimológico do verbo legere ‘postula certa intensificação do fato social’, na medida em que aponta para uma dimensão de exterioridade. Ler, pois, pressupõe um movimento para o exterior, para comunicar-se com os outros, fazendo uma leitura do mundo, o que dota a palavra intelectual dos dois movimentos: para dentro de si e para fora de si. Alargando o sentido /.../ saliente-se a condição intermediária do intelectual, sua função mediadora.
(CURY, idem, p. 13).

- COM TEXTOS, CONTEXTOS, (des) CONTEXTOS COM TEXTOS

Muito mais que “fronteirços” ou “interioranos” vejo esses intelectuais como Dardanelos. Utilizo-me, para criar este conceito, do nome do estreito, Dardanelos, que une o mar

Mediterrâneo ao mar de Mármara e os continentes europeu e asiático.⁷ O papel essencial do intelectual Dardanelos é o atravessamento que propõe, e faz, entre seu objeto, seu *corpus* de pesquisa local ou regionalizado e o universo teórico-conceitual ocidental e contemporâneo. E nesse “estrito” gerando talvez uma forma diferenciada de reflexão. Olhar entre continentes. Atravessando assim a si mesmo e o seu papel como intelectual.

‘O homem é a única criatura da terra que tem vontade de olhar para o interior de outra’. A vontade de olhar para o interior das coisas torna a visão *aguçada*, a visão *penetrante*. Transforma a visão numa violência. Ela detecta a falha, a fenda, a fissura pela qual se pode *violar o segredo* das coisas ocultas./.../ Já não se trata então de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos surpreendentes, mas sim de uma curiosidade agressiva etimologicamente inspetora. É esta a curiosidade da criança que destrói seu brinquedo para ver o que há dentro. (BACHELARD, 1990, pp. 7/8, grifos do autor)

Em princípio, esse olhar deveria caracterizar, no geral, toda obra de arte, toda crítica e análise e toda poética. Por princípio, só os grandes autores conseguem lançar sobre as coisas, as pessoas e o mundo essa violência que nos revela em nós mesmos. E nós seres humanos precisamos dessa violência porque é ela que nos compreende e ajuda a compreender-nos.

Referências:

- 1] ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte : Ed. Ufmg, 2006.
- 2] AHMAD, Aijaz. **Linhagens do Presente**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo : Boitempo Editorial, 2002. p. 122)
- 3] BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios do Repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo : Martins Fontes, 1990.
- 4] BHABHA, HOMI. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila/ Glaucia R. Gonçalves, Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2003.
- 5] CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira : momentos decisivos**. v. I, 8.ed. Belo Horizonte / Rio de Janeiro : Itatiaia, 1997.
- 6] CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru : EDUSC, 1999.
- 7] CURY, Maria Zilda Ferreira / WALTY, Ivete. (Orgs.). **Intelectuais e Vida Pública: migrações e mediações**. Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

A cidade de Istambul impressionou-me muito. Entre muitos aspectos a sua geografia fronteira e o fato de ser duas em uma, uma em duas. É a outra, mas também é a mesma. A “função” conectiva e o elo entre dois (ou mais) mundos povos e culturas é propiciada pelo estrito de Dardanelos. A leitura e as informações do texto Os Intelectuais em Cena, de Maria Zilda Ferreira Cury ajudaram-me a visualizar e traduzir, na idéia de intelectuais dardanelos, as impressões sobre os intelectuais “fronteiriços” e suas relações com o nacional e o universal.

- 8] DICKE, Ricardo Guilherme. “Proximidade do Mar” Em: LEITE, Mário Cezar Silva; MORENO, Juliano. (orgs.). **Na Margem Esquerda do Rio: contos de fim de século**. São Paulo : Via Lettera, 2002.
- 9] DICKE, Ricardo Guilherme. **Cerimônias do Sertão**. Cuiabá-MT : Carlini&Caniato, 2011.
- 10] GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. – 7ª. ed. – Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1989.
- 11] HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Org. Liv. Sovik; Trad. Adelaine La Guardiã Resende et all. Belo Horizonte : Ed. UFMG; Brasília : representação da Unesco no Brasil, 2003.
- 12] LEITE, Mário Cezar Silva (Org.). **Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá : Cathedral, 2005.
- 13] _____. A Poética de La Transmutación e o Tempo. Em: SODRÉ, Antonio. **Empório Literário: versos diversos**. Cuiabá : Carlini&Caniato Editorial, 2005.
- 14] _____. Nos Labirintos da Autografia: poéticas do outro(s). Em: MARQUES, Santiago Villela. *Outro*. Sinop-MT : Edição do Autor, 2008.
- 15] SILVA, Tomaz Tadeu.(Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis-RJ : Vozes, 2000.
- 16] SARLO, Beatriz. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia**. Trad. Samuel Titan Jr.. São Paulo : Iluminuras, 2008.
- 17] SAID, Edward W. **Representações do Intelectual: as conferências de Reith de 1993**. Trad. Milton Hatoum. São Paulo : Companhia das Letras, 2005.
- 18] _____. *Fora do Lugar: Memórias*. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.